

A LIBERALIZAÇÃO NA TCHECO-ESLOVAQUIA E A OPRESSÃO SOVIÉTICA

Cap Inf

CARLOS EDUARDO JANSEN

SUMÁRIO

- 1) INTRODUÇÃO.
- 2) ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA TCHECO-ESLOVAQUIA.
 - Criação da República da Tcheco-Eslováquia.
 - A 2.^a GM e os Sudetos Alemães.
 - A Capitulação de Munique.
 - O "Assalto ao Parlamento".
 - Paralelo entre os processos de dominação nazista e comunista.
- 3) OS ANTECEDENTES DA CRISE DE AGOSTO.
 - Sociais.
 - Económicos.
 - Psicossociais.
 - Políticos.
 - Militares.
- 4) EVOLUÇÃO CRONOLÓGICA DA CRISE.
- 5) CONCLUSÕES FINAIS.

Por tratar, este artigo, de episódio muito recente, e sobretudo, complexo, quanto a suas consequências, ainda não de todo sedimentadas, não nutrimos a pretensão de, aqui, esgotá-lo. Nossas principais limitações derivam, como é natural, da falta de mais ampla perspectiva histórica, que nos pudesse fornecer elementos para uma avaliação profunda das possíveis implicações da crise tcheca, nos diversos campos do Poder — o político, o militar, o psicossocial e o económico, não só em relação aos países com-

ponentes do Pacto de Varsóvia, como também aos do Mundo Livre, particularmente aos do Continente Europeu, mais próximo ao palco dos trágicos acontecimentos de agosto de 1968.

Entretanto, nos propomos a focalizar, com a possível nitidez, os aspectos de maior relevância da "Primavera de Praga", denominação atribuída, com uma ponta de ironia, pelos comentaristas internacionais, à brutal invasão do território tcheco, pelas forças do Pacto de Varsóvia. Procurare-

mos, sobretudo, mostrar os fatores condicionantes principais da crise, seus antecedentes nos diversos setores da sociedade tcheca, a formação, em seu cerne, de crescente hostilidade à opressão soviética e o epílogo sangrento que sufocou seus justos anseios de liberdade. Porque os carros de combate russos foram a resposta soviética aos tchecos e ao mundo. Aos tchecos, à onda de liberalização e de euforia que inundava o

país. Ao mundo, mais precisamente, a seus simpatizantes nos países ocidentais, às suas ingênuas suposições de resolução da crise pelo diálogo. Assim, 12 anos após a Revolução Húngara, mais uma vez se cumpria a diretriz política inevitável, porque doutrinária, do comunismo internacional, traduzida por Lenine após a Revolução de outubro de 1917, na União Soviética.

"O PODER POLITICO EMANA DO CANO DE UMA ARMA"

Estas palavras muitos esqueceram, ou não quiseram lembrar. Infelizmente.

1) **Antecedentes históricos da Tcheco-Eslováquia — criação da República da Tcheco-Eslováquia — a 2.ª GM e os sudetos alemães — a capitulação de Munique. O "Assalto ao Parlamento" e a dominação comunista — paralelo histórico entre os processos de dominação nazista e comunista.**

A Tcheco-Eslováquia se origina do antigo reino da Boêmia, conquistado, militarmente, pelo império dos Habsburgos, no séc. XVI. Anteriormente parte do seu território integrara o impreciso Santo Império Romano Germânico que teve em Otto, o Grande, seu mais conhecido imperador. Com a desintegração do Império Austro-Húngaro, ao término da 1ª GM, na Conferência de Paz, em Paris, em 1918, foi criada a República da Tcheco-Eslováquia, sendo seu primeiro presidente Tomás Garrigue Masaryk o qual, juntamente com Eduardo Benes, que o sucedeu, constitui-se num dos

principais artífices do surgimento do novo Estado, o mais próspero e culto do Centro L. Europeu no interregno das duas GM.

A Tcheco-Eslováquia, como Nação, sofria de um mal congênito: a diversidade étnica e cultural, legada por sua posição geográfica, fronteira a todos os países do Centro-Leste Europeu e conferindo-lhe, além disso, a situação de ponto de convergência e de irradiação das inúmeras levas migratórias regionais, ao curso de sua evolução histórica. Assim, comportava minorias nacionais, radicadas em comunidades, como a alemã, a húngara, a rutena, a ucraniana, a russa, a polonesa, e outras de menor expressão. Dessas comunidades, a mais importante, era, sem dúvida, a dos sudetos alemães, cujo número beirava os 3 milhões e que ocupava as regiões Noroeste e Sudoeste do território tcheco, onde se concentrava a maior parte das fontes de matérias-primas do país e quase todo seu parque industrial.

Embora a existência dessas minorias se constituísse em séria força desagregadora, mais ainda, pelo fato de desejarem autonomia política cada vez mais ampla, o problema não era insolúvel. Os brasileiros, sabemos perfeitamente, pelo exemplo de nossa própria história, não ser a diversidade racial, um obstáculo intransponível à formação de uma nacionalidade.

A miscigenação se processaria, gradual e naturalmente, desde que motivada por uma solicitação externa poderosa, como foi, para nós, o episódio da Insurreição Pernambucana; para os tchecos, poderia ter sido o desafio da própria 2ª GM, que acabou por aniquilá-los.

Mas a aglutinação não se processou em razão do surgimento, no cenário político tcheco, de um elemento novo: as ambições expansionistas alemãs, a partir de 1933. Naquele ano, aparentemente por via parlamentar, mas, na realidade, lançando mão de toda sorte de pressões, ameaças e atentados, desencadeados contra as demais correntes políticas da Alemanha, o Partido Nacional Socialista assumia o poder e Adolf Hitler se tornava o chanceler do III Reich. Como é do conhecimento geral, preconizava Hitler a obtenção de um "Lebensraum", ou seja, "Espaço Livre", para expansão da "Super-raça", germânica, pretendendo conseguí-lo à custa da Rússia.

Para obter a base física e populacional indispensável ao projeto de invasão, Hitler imaginou apossar-se de territórios da

Austria, da Polônia (cidades de Memel e Dantzig) e da Tcheco-Eslováquia (Região dos sudetos), onde predominassem numericamente os alemães. E realmente alcançou seu objetivo, através hábil combinação de distúrbios artificialmente provocados, naquelas regiões, por agentes nazistas, e de pressões exercidas contra os fiadores da independência dos três países, a Inglaterra e a França, que, sem esboçarem a menor reação, por desejarem a "paz a qualquer preço", concordaram com suas absurdas exigências de anexação.

E assim, a 29 de setembro de 1938, deu-se a denominada "Capitulação de Munique". Nesta cidade alemã, reunidos Chamberlain, pela Inglaterra, Deladier pela França, e Mussolini e Hitler pelo eixo Roma-Berlim, decidiu-se que a Tcheco-Eslováquia, cujos sudetos alemães, além da parte da população nacional, iludida pelas promessas de Hitler, receberam com flores as Divisões germânicas de ocupação, deveria, praticamente, deixar de existir como Estado independente.

Pelo tratado de Munique a Tcheco-Eslováquia perdia:

- 11.000 milhas quadradas de território.
- 66% de seu carvão.
- 80% de linhita.
- 80% de cimento.
- 70% de ferro e aço.
- 70% do potencial energético.

Além disso, seus sistemas de comunicações e de defesa foram arrasados pelas tropas invasoras.

Finda a guerra, a 7 de maio de 1945, véspera da assinatura

do Armistício, na Europa, a vanguarda do III Exército dos Estados Unidos, comandado, então, pelo Gen Patton, apresentou-se às portas de Praga, disposta a varrer os últimos redutos alemães. Para tanto, queria, apenas, uma solicitação formal, nesse sentido, por parte do Conselho Nacional Tcheco. Joseph Smrkovsky, vice-presidente do Conselho e membro do PCT, em razão das implicações políticas de tal ato, negou-se a formalizar a solicitação de auxilio norte-americano, dirigindo-a ao Corpo de Exército Russo, comandado pelo Mar Koniev, que se encontrava a uma distância de 300 km da capital. Nova ilusão do povo tcheco: os carros de Koniev foram, a exemplo dos de Hitler, recebidos com flôres. Era o prenúncio de novos e longos anos de submissão.

O ASSALTO AO PARLAMENTO

Em 1921, fora fundado, por Klement Gottwald, o PCT, que, por erro imperdoável do governo tcheco, pudera permanecer na legalidade. Pôde, assim, conceber e cumprir um plano de tomada do poder, servindo-se de todas as franquias democráticas, para aboli-las em seguida. Tal plano, cuja análise acurada foge ao objetivo deste texto, foi batizado, pelos próprios comunistas tchecos, como o "Assalto ao Parlamento". Em livro com esse título Jan Kosak, militante comunista e cúmplice da conjura, descreve o desenvolvimento das diversas fases e a técnica empregada para a conquista do po-

der pelo PCT, que se consumou em fevereiro de 1948.

De um modo geral, a técnica consistia no exercício de dupla pressão sobre o Parlamento, a saber:

Pressão de Cúpula — Exercida pelos próprios comunistas infiltrados nos quadros governamentais, propugnando reformas, em sua maior parte, na área trabalhista que, como membros da alta administração do país, sabiam tecnicamente irrealizáveis, de pronto. Entretanto, a falsa luta reformista os levava aos olhos do povo como seus campeões enquanto construía, do governo, uma imagem de ineficiência e desamor às necessidades das classes trabalhadoras.

— Por outro lado, estimulavam a idéia de formação de um governo de coalização que, cedendo às pressões, assegurava-lhes, tranquilamente, o poder.

Pressão de Base — Exercida, igualmente, pelo PCT, através de grêmios estudantis e sindicatos comprometidos em apoio incondicional às "reformas" e aos "reformistas".

Assim, irremediavelmente coagidos, os parlamentares tchecos democratas se omitiam cada vez mais, encolhiam-se, timoratos, à supremacia dos membros comunistas do legislativo, até a derrocada final. Em fevereiro de 1948, por via parlamentar, Eduardo Benes, presidente da Tcheco-Eslováquia, chama à chefia do gabinete Klement Gottwald presidente do PCT, que se fez acompanhar ao governo por Rudolf Slansky, 1.º Secretário do Parti-

do. Estava consumada a dominação soviética. É interessante ressaltar a perfeita identidade dos métodos empregados por nazistas e comunistas, para a obtenção do poder. Ambos, conseguindo-o através de pressões e violências desencadeadas contra seus opositores, para fazê-los omitirem-se no processo político, construindo, assim, para o mundo, uma fachada estritamente legal da usurpação perpetrada. É bem verdade, as potências ocidentais, que não compreendiam como uma República Democrática, como a Tcheco-Eslováquia, pudera se comunizar, aparentemente em poucos meses, em 1948, tentaram votar na ONU, uma investigação completa dos acontecimentos, incluindo a morte, em circunstâncias misteriosas, de Jan Masaryk, Ministro das Relações Exteriores da Tcheco-Eslováquia e democrata convicto, durante o "Assalto ao Parlamento". Sintomaticamente, a União Soviética, no Conselho de Segurança da ONU, usou o seu direito de veto para impedir a realização da sindicância. Ainda, em 1948, após a morte de Eduardo Benes, a ascendência do PCT se acentuou ainda mais, com a votação, pelo Parlamento, da lei para a "proteção da República", golpe mortal nos resquícios de oposição anticomunista.

Quatro anos depois, em 1952, faleceu Klement Gottwald e Rudolf Slansky, Secretário-Geral do PCT — foi executado em uma prisão de Praga, acusado de alta traição. Em conseqüência, assumiu o poder, na dupla função de Presidente da República e

Secretário-Geral do PCT, Antonín Novotný, fiel seguidor dos métodos cruéis de repressão stalinistas. Baixava sobre a Tcheco-Eslováquia a escuridão do terror cego e indiscriminado, sob a égide da tortura e das prisões arbitrárias, mediante acusações aleatórias como "cosmopolitismo" ou "origem burgueso-judaica", feitas, inclusive a militantes comunistas, vitimados pelos sucessivos "expurgos" levados a efeito nos quadros do Partido.

O povo, horrorizado e amedrontado pelo surto de violência, acumulava, gradualmente, a repulsa à barbárie bolchevista, que, na primavera de 1968, eclodiria, afinal, coroando o processo de liberalização.

Não exageraria quem afirmasse que a ascensão de Novotný fôra a primeira semente da "PRIMAVERA DE PRAGA". Passaremos a analisar, em seguida, os principais antecedentes da crise tcheca.

2) Fatores sociais:

A desfiguração da sociedade comunista

Para abordarmos a desfiguração da sociedade comunista, faz-se mister, antes, configurá-la. É evidente que, se quisermos encontrar o estado embrionário de qualquer estrutura social contemporânea, teremos que procurá-lo na estrutura medieval, cujo equilíbrio se rompeu sob o impacto da Revolução Industrial. O advento da máquina, abolindo, virtualmente, a classe média artesanal, criou um vácuo entre

as elites industriais emergentes e agrárias e o campesinato, já agora lado a lado com o operariado. As sociedades capitalistas, nascidas, como as comunistas, daquela ruptura, sentiram a instabilidade do sistema e procuraram recompor a classe média, em seu papel de redutora de áreas de atrito e de conflitos de interesses entre os pólos da estrutura. E o conseguiram, através da humanização do trabalho e da elevação dos níveis salariais, obedecendo, naturalmente, ao critério do mérito. Estas medidas geraram uma permeabilidade social consentida e desejada, sob todos os aspectos.

Já os dirigentes comunistas, fiéis à ambiência histórica em que se processou a divulgação do "Manifesto comunista", e não querendo abrir mão de seu estado de elite burocrática, coibiram, de início, pelo uso de um gigantesco aparelho de repressão, a formação de qualquer escala sócio-econômica interposta à massa e a eventuais elites que pudessem emergir do processo político: eliminava-se, desta forma, a possibilidade de ter a oligarquia burocrática que repartir o poder com futuros e indesejáveis adventícios. Mas eis que, novamente, a tecnologia desempenha relevante função social. Forçados a enfrentar o desafio da técnica industrial moderna e sofisticada, os dirigentes comunistas foram obrigados a estimular, econômica e socialmente, a procura dos cursos técnicos pela juventude de seus países, formando assim, à sua própria revelia, uma nova elite de engenheiros e nova

classe média predominantemente técnica. Desta permeabilidade social forçada, como não poderia deixar de ser, surgiram as dissensões de cúpula entre burocratas conservadores e técnicos renovadores. Aquêles, rigidamente apegados à doutrina social marxista; êstes, apenas preocupados com o avanço científico e cada vez mais convencidos de sua importância no processo de desenvolvimento.

Essa dissidência é a geratriz das forças dissociativas internas, existentes, de um modo geral, em tôdas as sociedades comunistas, e com muito maior razão, na Tcheco-Eslováquia, país eminentemente industrial. Para fazer valer sua já tênue autoridade, os antigos burocratas pró-Stalin, ainda detentores da força de repressão, aplicaram-na com maior intensidade, o que aumentou a tensão interna, não só na massa, como também no interior do PCT, que via dizimadas suas próprias fileiras.

3) Fatores econômicos:

O baixo nível de consumo do povo tcheco

Fiel à sua doutrina centralizadora, paralelamente ao "Pacto de Varsóvia", na esfera militar, a URSS congrega seus países satélites no Conselho de Assistência Econômica Mútua (COMECON), órgão responsável pelo planejamento da economia do bloco comunista, fixando metas, e atribuindo missões específicas aos diversos países-membros.

A Tcheco-Eslováquia, país dos mais industrializados do Centro Leste Europeu, sendo o 4.º produtor europeu de aço, 5.º de carvão "per capita" e 6.º de cimento, arca com a responsabilidade pelos setores mais onerosos da economia do bloco, ou sejam, indústria pesada, mineração e metalurgia. Assim, engajado, na consecução das metas que lhe são impostas, o grosso de seus contingentes de mão-de-obra especializada, suas matérias-primas e boa parte de seus investimentos, a Tcheco-Eslováquia não provê o seu mercado interno de bens de consumo em quantidade e qualidade suficientes para atender à demanda crescente. Em decorrência da oferta reduzida, os bens de consumo corrente não são acessíveis ao orçamento do homem médio tcheco. A proximidade do MCE, com seus invejáveis níveis de consumo nacionais, aumenta a frustração popular.

A revolta dos economistas

Desde novembro de 1963, vêm os economistas tchecos se insurgindo contra o chamado "culto do plano", ou seja, o planejamento econômico burocrático, reflexo do dogmatismo político, que é um fim em si mesmo.

Os economistas da nova geração, encabeçados por Radoslava Selucky e louvados na experiência de Ota Sik, afirmavam abertamente que, para que fôssem possíveis reformas econômicas que pudessem promover o bem-estar comum, seriam necessárias modificações profundas na estru-

tura político-administrativa do país.

Suas idéias podem ser resumidas em sete pontos, propugnando as seguintes alterações estruturais:

I — Permissão para criticar o socialismo como ordem política e base econômica;

II — Nenhuma lei tradicional da economia socialista seria mais válida;

III — A Nacionalização e Coletivização vistas como um meio e não como um fim em si próprias;

IV — Planificação econômica descentralizada e flexível;

V — Vigência de uma economia de mercado, regida pela lei da oferta e procura;

VI — Os economistas deveriam ter livre acesso à literatura especializada do Ocidente;

VII — Os economistas ditariam as normas setoriais ao Partido e não o inverso.

Além disso, Ota Sik, em longo estudo comparativo, publicado em órgãos de divulgação renovadores, fazia novas e violentas críticas ao sistema de produção vigente, afirmando:

— que a produção era cara e de qualidade inferior, não podendo, assim, competir nos mercados estrangeiros;

— que a indústria de base, pela má qualidade, não constituía o suporte sólido que deveria ser para a indústria de transformação. Louva-se Ota Sik no teste feito, em 1964, com cerca de 4.000 produtos, aplicáveis à Engenharia, tendo-se comprovado que menos de 1/3 era compatível com os padrões mundiais.

— Finalmente, que, pelas deficiências da técnica de produção e da mecanização agrícola a Tcheco-Eslóvaquia, para cada mil dólares de produção empregava 435 kg de aço enquanto que os EUA, para volume idêntico, aplicavam apenas 176 kg; e ainda que, enquanto um lavrador tcheco levava cerca de 120 min para a colheita de uma horta de tamanho médio, um norte-americano despendia apenas 24 min.

Assim, postulando medidas eficazes para o desenvolvimento material de seu povo, atacando o sistema de administração não técnico e burocratizado, foram os economistas tchecos elementos da maior relevância para a formação da ambiência para a liberalização. Acusados, embora, pelos órgãos ortodoxos, de "desviaçionismo capitalista e burguês", obtiveram, no seio do povo tcheco, adesão entusiástica e fervorosa.

4) Fatores psicossociais:

— O cosmopolitismo tcheco, mercê de suas posição geográfica e evolução histórica, não se coaduna com a posição de satélite em que se encontra sua Pátria, ligada, apenas, aos países do bloco comunista. Além disso, em razão, ainda, da diversidade étnica, falta ao povo tcheco o *conformismo eslavo*, fator preponderante da manutenção do povo russo sob o jugo oligárquico do PCUS.

— A grande atividade intelectual liberalizante dos meios renovadores, com a criação do "Literarny Lsty" — órgão dos escri-

tores liberais tchecos e a publicação do "Manifesto das 2 mil palavras" em que 70 personalidades de relêvo censuraram o obscurantismo Novotnysta e hipotecaram irrestrito apoio à liberalização.

5) Fatores políticos:

Dentre os de maior relevância, podemos citar:

— O desejo natural, por parte da Nação Tcheca, de exercer uma política exterior soberana, assumindo uma situação de relêvo na Europa Central.

— A renovação dos quadros políticos, após a degradação de Stálin, tendo surgido novos líderes, como Alexandre Dubek, e ressurgido outros, que se encontravam no ostracismo, como Ota Sik e o General Svoboda, herói dos maquis tchecos, durante a 2ª GM, e que viria a ser Presidente da República, por ocasião da crise de agosto.

— Os Ecos da Crise Polonesa e da Revolta Húngara de 1956, esmagada pela União Soviética. A indignação do povo tcheco, reprimida durante 12 anos, explodiria em forma de hostilidade ao Pacto de Varsóvia.

— O XX Congresso do PCUS, em fevereiro de 1956. Naquela oportunidade, Nikita Krushev preconizava a adoção da política da "Coexistência Pacífica". Embora a proposta tivesse sido feita com o objetivo de angariar a simpatia do 3.º mundo Afro-Asiático emergente, estimulou, mesmo assim, a aspiração tcheca de evolução rumo a uma Sociedade Aberta.

6) Fatores militares:

Agora, a pergunta fundamental: Por que, após reiteradas afirmativas, perante o mundo, de que não interviria no processo político da Tcheco-Eslováquia, a URSS resolveu invadir seu território, juntamente com seus aliados do Pacto de Varsóvia? Em primeiro lugar, porque a verdade, para um comunista, nada mais reflete do que as suas necessidades no momento. Além disso certamente em razão de outros fatores, dentre os quais sobressaem:

— O gradual enfraquecimento do Pacto de Varsóvia, pela posição cada vez mais independente da Iugoslávia e da Romênia. Se analisarmos cuidadosamente os últimos episódios em que esteve envolvido o prestígio internacional comunista, veremos que a URSS recuou sempre, após ameaçar deflagrar a 3ª GM. Assim se desenvolveram, em 1962, as crises cubana e libanesa, esta última, inclusive, envolvendo a antiga aspiração russa de acesso ao Mediterrâneo. Alguns dos leitores devem lembrar-se de que, desde a adesão do Iraque ao Pacto de Bagdad, em 1955, seu monarca suportava enorme pressão dos países árabes insuflados pela URSS, acabando o rei Faisal por ser deposto, morto e substituído em 1958, por uma junta criptocomunista, presidida pelo Gen Kassem. A junta governativa do Iraque tentou exportar a solução comunista para o Líbano, então governado pelo presidente Chamoun, promovendo distúrbios de rua e atentados terro-

ristas. O Presidente, em consequência, solicitou o auxílio da Frota norte-americana do Mediterrâneo. Apesar das ameaças de Krushev de reduzi-la a cinzas, com seus misséis, a Força-Tarefa desembarcou uma Divisão de fuzileiros navais e esvaziou a crise, sem que alguma reação houvesse ocorrido.

Os recuos sucessivos da União Soviética, dos confrontos diretos com os EUA, confirmam claramente que a política agressiva do comunismo Internacional, não tem a apoiá-la um poder militar compatível com seus objetivos. E o fato só é explicável quando o analisamos pelo ângulo da falta de unanimidade, por parte dos diversos Partidos Comunistas, inclusive os do Mundo Ocidental, acerca de aspectos fundamentais, doutrinários e políticos, da orientação russa.

O exemplo mais claro do que acabamos de afirmar foi a desaprovação formal e pública da invasão da Tcheco-Eslováquia, formulada pelos Secretários-Gerais dos maiores Partidos Comunistas da Europa Ocidental: Luigi Longo, do Partido Comunista Italiano (PCI) e Waldeck Rochet, do Partido Comunista Francês. (PCF).

— A posição geográfica da Tcheco-Eslováquia, face à Alemanha Ocidental, e sua situação de centro de gravidade do Leste Europeu.

7) A evolução da crise:

Finalmente, passamos a desenvolver a evolução cronológica da crise, com os principais fatos

políticos que marcaram a tentativa de liberalização tcheca, até seu trágico epílogo.

Jan 68 — O Comitê Central do PCT, por nove votos contra três, recomenda a demissão do 1.º Secretário do PCT, Antonín Novotný, que se demite no dia 5, substituído por Dubcek na chefia do PCT.

24 — União dos Escritores funda o "Literarny Lsty".

Fev 68 — Escritores exigem a reabilitação de pessoas condenadas injustamente, durante a era Novotnýsta.

Mar 68 — 16 — Dubcek se mostra decidido a avançar rapidamente no "nôvo caminho progressista".

28 — Dubcek propõe a candidatura do Gen Svoboda em razão da nova demissão, da Presidência da República, de "Antonín Novotný".

Abril — Inicia-se o inquérito para apurar a morte de "Jan Masaryk";

11 — Artigo do "Pravda" criticando os elementos anti-socialistas do PCT.

Maio — Gomulka, Jirov, Kadar e Ulbricht reúnem-se a Brezhnev, em Moscou.

22 — Reunião de Karlovy-Vary — Dubcek e Cernik com Kossiguin — parece que a situação se desanuvia. A URSS declara não desejar se imiscuir nos assuntos internos de um "país socialista irmão".

Junho — 27 — Manifesto das duas mil palavras.

Exigindo a liberalização e apoio a Dubcek.

30 — As tropas do "Pacto de Varsóvia", que se encontravam em manobras desde o dia 21 não deixam o território tcheco.

Julho 29, 30 e 31 — Conferência de Cierna-Nad-Tisu entre os PCT e PCUS.

Agosto — 3 — Conferência dos Seis, em Bratislava. Mais uma declaração conjunta de "Não Intervenção" e de respeito à soberania tcheca, por parte da Rússia, Bulgária, Hungria, RDA e Polónia.

Agosto 9 — Mar Tito visita Praga, e faz declaração conjunta com Dubcek, realçando a necessidade da liberalização.

Agosto 15 — Chega a Praga "Nicolai Ceausescu, dirigente da Romênia — Nôvo Tratado de amizade entre a Tcheco-Eslováquia e a Romênia.

20 de Agosto — 23:30 — Tropas do Pacto de Varsóvia invadem a Tcheco-Eslováquia.

8) Conclusões finais:

Os fatos mencionados no decorrer deste artigo nos autorizam a extrair algumas conclusões, discutíveis porque pessoais, mas que refletem, em nossa opinião, a atual situação do Mundo Comunista Europeu:

— O "Bloco Monolítico da Era Stalinista, submetido a pressões e forças dissociativas, sociais, políticas e econômicas começa a se desintegrar. A defecção iugoslava, as revoltas polonesa e húngara, a liberalização na Tcheco-

Eslováquia e na Romênia são sintomas do processo, que se acelerou com a queda do mito stalinista.

O "Pacto de Varsóvia", expressão militar da união em outros campos, dos países comunistas, entra em declínio acentuado na medida em que se rompe a solidariedade entre os mesmos.

— O COMECON, pela planificação internacional da economia dos países comunistas, fixando para cada qual metas e setores obrigatórios, coíbe a diversificação do consumo, e será sempre um ponto capital de discordância e inquietação do Sistema.

— Deverão se processar, futuramente, acontecimentos semelhantes aos da Tcheco-Eslováquia, na Alemanha Oriental, onde, além dos problemas comuns já expostos, um nacionalismo

crescente supera o dogmatismo comunista oficial e empurra os germânicos em direção da unidade de seu país.

— Em razão das fraquezas aqui expostas, sem abdicar de seus objetivos doutrinários de conquista e dominação, a URSS, a exemplo da China Continental, intensifica a GR, evitando um confronto direto ao qual sabe que não poderá resistir.

E a lição a ser extraída pelos brasileiros, especialmente por nós, militares, da odisséia tcheca, é a de que os grilhões comunistas, se colocados, não se partem facilmente. E a garantia única de que os tristes fatos aqui expostos não se repetirão, um dia, às portas das nossas próprias casas, reside no valor moral do povo brasileiro e na bravura de suas Forças Armadas (FA).